



TRINDADE E SOCIEDADE: CONTRIBUIÇÕES DA TEOLOGIA PARA A ÉTICA[√]

 José Mauricio de CARVALHO*

RESUMO

Neste artigo examinam-se as implicações de considerar Deus uma comunidade de pessoas. Mostra-se como as concepções de Deus variaram na história em razão da historicidade da consciência humana. Isso fez da revelação divina um lento processo adequado à capacidade humana de entender as coisas. Apresenta-se, igualmente, a relação entre as pessoas divinas como expressão maior das relações éticas, de modo que a razão humana aponta na Ética para a mesma direção dos estudos da teologia sobre a Trindade divina: o respeito e o amor entre pessoas diferentes como superior modelo de convivência e harmonia entre os diferentes.

Palavras-chave: Sociedade. Deus. Pessoa. Amor. Ética.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A apresentação de Deus como Trindade é uma das questões mais difíceis da teologia cristã. Por mais que Deus esteja acima da razão humana, como entenderam os primeiros filósofos, falar de Deus é um desafio que encanta e inquieta os pensadores e eles não podem deixá-lo de lado.¹ O

[√] Artigo recebido em 07 de março de 2016 e aprovado em 30 de junho de 2016.

* Doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho (UGF). Professor titular da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). E-mail: <josemauriciodecarvalho@gmail.com>.

¹ No prefácio à segunda edição da clássica *Crítica da Razão Pura*, o filósofo alemão Emmanuel Kant escreveu sobre a impossibilidade da razão especulativa dizer algo confiável sobre os três problemas da metafísica clássica (Deus, liberdade e imortalidade). Vê-se assim como numa das mais importantes obras filosóficas dos tempos modernos, já se tem consciência de que a razão, por seus próprios meios, pode dizer pouco sobre Deus. Eis o texto de Kant (1987): "Não posso portanto sequer admitir Deus, liberdade e imortalidade com vistas ao uso prático

antigos filósofos gregos, por exemplo, ao construir uma forma de explicação racional para o mundo que substituía a antiga mitologia, consideraram o problema de Deus de forma racional. Ortega y Gasset no ensaio **Comentario ao banquete de Platon** deu uma interpretação interessante à origem da Filosofia ao afirmar que ela surge como tentativa de ocupar o buraco aberto na cultura com o banimento dos antigos deuses. O vazio deixado pelos deuses promoveu repercussões emocionais ou, nas palavras do filósofo, um (1997, p. 771): "monstruoso buraco que produziu na alma grega repercussões de emoção religiosa". Ao criar a Filosofia para ocupar este vazio deixado pelos deuses do Olimpo, os gregos tiveram que encontrar outra forma de justificar o mundo e seu funcionamento e foram achá-la nas considerações sobre o ente.² Karl Jaspers resume o que disseram os primeiros filósofos sobre o deus possível de ser admitido pela razão. Eis o que escreve na **Iniciação Filosófica**:

Xenófanes, 500 a. C. proclamava: um Deus único governa, que não se assemelha aos mortais, nem na aparência nem nos pensamentos. Platão concebia a divindade, a que chamavam o Bem, como origem de todo o conhecimento. Tudo o que se conhece, não só é conhecimento pela luz divina, como deve o seu ser à divindade, cuja dignidade e força sobrelevam o próprio ser. Os filósofos gregos compreenderam que só na tradição há vários deuses, na natureza há apenas um, que não é visível aos olhos humanos, a ninguém se assemelha e em nenhuma imagem se pode conhecer. A divindade é concebida enquanto razão ou lei do mundo, destino e providência, ou arquiteto do universo (JASPERS, 1987, p. 38)

Como se lê em **O Homem e a Filosofia, pequenas meditações sobre a existência e a cultura**, quando se examina Deus tocamos numa questão insolúvel, mas os filósofos procuraram, ao longo da tradição filosófica, clareá-la no quanto possível:

Os filósofos pouco conseguiram ir além do entendimento da inadequação dos símbolos e representações que pretendiam retratar

necessário da minha razão sem ao mesmo tempo tirar da razão especulativa a sua pretensão a visões exageradas, pois para chegar a estas ela precisa empregar os princípios que, estendendo-se de fato apenas a objetos da experiência possível não obstante serem aplicados ao que não pode ser objeto da experiência, na realidade sempre transformam o último em fenômeno e assim declaram impossível toda ampliação prática da razão pura" (p. 19).

² No ensaio **Comentario ao banquete de Platon**, Ortega y Gasset escreve sobre o novo elemento que os filósofos encontraram para sustentar a realidade depois que os deuses da mitologia grega foram banidos do universo cultural (1997): "Não se esqueça, ademais, que o ente era algo que se buscava, porém que não se havia encontrado, cujos traços ou caracteres - salvo sua independência do homem, que podíamos qualificar de atributo prévio - eram ainda desconhecidos, ocultos portanto, misteriosos portanto" (p. 771).

o transcendente absoluto. O relato dos rumos assumidos pela meditação filosófica sobre Deus mostra que a Filosofia avançou pouco neste campo. Ainda assim a meditação filosófica e a evolução científica apontam para conclusões provisórias e possíveis, entre outras: a Filosofia e a Ciência revelam que não há identidade entre os fenômenos da Natureza e humor divino, separaram as catástrofes naturais do furor vingativo de um Absoluto irado e mostram que a crença em Deus não aliena o homem de seus compromissos neste mundo (CARVALHO, 2007, p. 227).

A filosofia contemporânea herda a investigação sobre Deus do debate iniciado na modernidade. Se tomamos Soren Kierkegaard como quem antecipa os problemas postos em questão pelo chamado existencialismo cristão, pode-se identificar a raiz das suas preocupações em Blaise Pascal. Mario Guerreiro estabelece um vínculo ainda mais antigo para a reflexão contemporânea sobre Deus ao afirmar em seu livro **Deus existe? Uma investigação filosófica** que os principais representantes do existencialismo cristão:

independente de suas filiações ao protestantismo (Kierkegaard e Tillich), ao catolicismo (Marcel), ou ao judaísmo (Buber), concederam grande ênfase à vivência, à escolha ou ao fideísmo. Neste sentido, seu mais remoto precursor parece ter sido Tertuliano ou Lutero" (GUERREIRO, 2000, p. 201).

Começar esse estudo lembrando as dificuldades do tema e a multiplicidade de enfoques dados ao longo da tradição filosófica parece necessário para termos clareza da sua complexidade. São inúmeros os problemas para expor a ideia de Deus do cristianismo, se seguirmos o caminho da racionalidade e acompanharmos a tradição filosófica. Não que assuntos relativos a Deus sejam irracionais, os filósofos, de modo geral, não concluíram isso, os problemas da teologia racional simplesmente ultrapassam a capacidade humana de abordá-los, resumiu Emmanuel Kant no que parece a posição mais lúcida sobre o assunto. É o que também pensam os teólogos contemporâneos, como se afirma em **Trindade**. Ao mencionar os estudos de Hans Urs Von Balthasar, no seu texto, Paulo Roberto Gomes afirma (2015, p. 4): "Deus é mais do que podemos captar."

Portanto, mesmo a Filosofia não podendo deixar de considerar como diz Delmar Cardoso no pequeno artigo do Caderno Pensar intitulado **Religião e Filosofia** (2015, p.3): "aqueles outros aspectos que, embora não sejam totalmente racionais, se relacionam com a razão humana", a melhor forma de

examinar o Deus cristão é tomar por referência a revelação contida na Sagrada Escritura. A razão humana não tem como tratar desse assunto por seus próprios meios, a não ser pelo caminho da fé revelada. E considerando o que os teólogos dizem atualmente sobre a Trindade, estamos diante de um Deus que é relação, autocomunicação e autorealização. Trata-se de uma compreensão muito diferente do que já se conjecturou sobre Deus e abre um outro espaço de semelhança entre Deus e os homens, ele é também feito de pessoas que vivem em comunidade. O homem, como Deus cristão, estabelece relações intersubjetivas. Ele vive em comunidades menores parte de outras maiores, mas sempre em relação com seus semelhantes. Lê-se na mesma apostila: "A essência de Deus não é outra coisa senão autocomunicação, amor transbordante que beneficia o ser humano com sua bondade, compaixão, misericórdia". Se pensamos nessa ótica teológica na qual o homem foi criado por Deus a sua imagem e semelhança, a comunidade humana precisa se inspirar no Criador para alcançar a melhor forma de conviver.

2 DEUS COMO TRINDADE

Uma maneira de iniciar esse assunto é examiná-lo na perspectiva temporal considerando que a revelação proposta na Sagrada Escritura foi lenta e gradual. Deus se mostra lentamente ao homem. Isso significa que a compreensão que se teve de Deus foi se modificando com o tempo. Assim foi entre os filósofos, pois a consciência humana é temporal, o mesmo ocorreu com os teólogos, pois trabalham com a ideia de que Deus se mostra ao homem como ele é capaz de entender. Somente no tempo a consciência humana é capaz de aprofundar os assuntos, a compreensão de Deus e seu projeto de salvação não fugiu a essa característica de apropriação progressiva das questões pela consciência. Essa metodologia, que considera a temporalidade da consciência, é descoberta recente que entrou em todas as áreas do conhecimento, inclusive a Teologia. Sobre essa descoberta lê-se em **O problema da consciência histórica:**

A aparição de uma tomada de consciência histórica é, possivelmente a mais importante revolução porque passamos desde o surgimento da época moderna. o seu alcance espiritual utrapassa,

provavelmente, aquele que reconhecemos às realizações das ciências da natureza, as quais transformaram, de forma bem visível, a face de nosso planeta. A consciência histórica, que caracteriza o homem atual, é um privilégio, talvez mesmo um fardo tal como nenhum outro que tenha sido imposto a alguma das gerações anteriores (GADAMER, 1998, p. 17).

Quando entendemos que os assuntos para o homem se clareiam lentamente, entendemos o motivo das mudanças das imagens que se fez de Deus e porque nosso entendimento dele modificou-se tanto. O que se pensava sobre Ele num tempo (um Deus guerreiro e vingador) não é exatamente o mesmo que se notou em outro tempo (Pai e misericordioso). Se bem que para chegar a tratar Deus como Pai foi necessário aprendê-lo com Jesus, que a teologia cristã reconhece como Filho de Deus. Deus é, em si mesmo, o que sempre foi, mas o homem não conseguiu enxergá-lo como Ele é e nunca conseguirá, nem sempre entendeu de pronto a totalidade do Seu projeto. Além do mais, a capacidade humana de tratar o assunto é limitada. Por isso, o Catecismo Holandês, diz sobre a descoberta e a tematização da Trindade que o assunto foi trabalhado devagar e foi gradativamente que se formou, na Sagrada Escritura, a compreensão de um Deus trinitário. Eis o texto:

E de todas as coisas que a Bíblia nos diz sobre Deus, nasce clareza admirável. Não que o torne compreensível, mas nos indica a direção. Pois isto faz parte da revelação divina a Israel: a concepção humana que já existia a respeito de Deus vai sendo purificada de erros e orientada na direção onde Ele se deixa encontrar. Essa purificação, que é verdadeira demitização, diz, em primeiro lugar, respeito às relações entre Ele e o mundo (CATECISMO HOLANDES, 1974, p. 561).

Isso significa que, inicialmente, o povo de Israel pensou Deus como Criador todo poderoso, que nos criou à sua semelhança e que sendo como nós era ciumento e, por vezes, irado. No poema da criação contido no livro do Gênesis encontramos um Deus distante da criação. Houve um tempo, pelos relatos do **Antigo Testamento**, em que se pensou que esse Deus também era um guerreiro vingador, olhando-se sempre Deus como se enxergava a si mesmo. A mudança foi lenta, mas a inversão completa vem com Cristo. Vê-se então que somos feitos a sua Imagem pela possibilidade de amar e por sermos livres para fazê-lo. Os cristãos aprenderam com Jesus de Nazaré a considerá-lo de outra forma e metaforicamente a chamá-lo Pai. Também aprenderam a

olhar a vida e o sofrimento de Jesus como expressões do amor de Deus para conosco. Por Cristo fomos salvos de nossas maldades e aprendemos que é o amor que deve guiar a relação entre as pessoas. Poderia ter sido diferente o fim terreno do Messias? Talvez sim, não sabemos com certeza. Contudo, era necessário que se cumprisse o que estava nas Escrituras que falava do sofrimento do Messias. E parece que essa foi a forma de Jesus ensinar o amor até para com aqueles que o torturavam.

Foi necessário tempo, estudo e meditação para entender que o Pai ao criar o mundo já o fazia para Cristo e tinha em vista a missão salvadora do Filho, uma consciência que se mostra amadurecida no prólogo do Evangelho de João. Seria preciso, quando o homem fosse capaz de entender, ensiná-lo a melhor maneira de viver. Trata-se de ação pedagógica, como fazemos com o estudante, dando-lhe o conhecimento que ele tem capacidade de assimilar. Nesse sentido, também foi difícil entender rapidamente a divindade de Jesus, compreender sua missão e a dimensão de seus ensinamentos.

Foi complicado perceber a novidade, já que Cristo renovava o modo humano de se relacionar. E também foi complicado para os teólogos tomarem consciência de que a salvação só poderia vir de alguém com condição divina, como somente uma Pessoa divina poderia ensinar dimensões do amor que o homem não experimenta em sua vida e nem parece capaz de justificar (amar os que te maltratam, rezar pelos que te perseguem, etc.). E somente depois de Cristo a razão humana foi capaz de reconhecer no amor o laço que amarra a obrigação de fazer o bem que a racionalidade admite. E, continuando esse processo de revelação, Cristo mostrou que Deus não estaria distante do homem depois de seu retorno para junto do Pai. Ele enviaria um consolador, um amigo de caminhada, uma outra Pessoa também divina, para santificar o mundo, fortalecer o homem para Deus e continuar a obra que Ele iniciara. Porém não o envia só, mas junto com o Pai que é o grande articulador desse processo de salvação. Enfim, foi vagarosamente que os teólogos compreenderam que a Trindade divina atuava junta na história, ainda que cada Pessoa tivesse o seu papel único e singular no plano salvífico em execução, como cada homem igualmente tem um papel único nesse processo. Associam-se então Deus e o homem, apesar de seus distintos papéis, como construtores da história.

Essa compreensão permite olhar os fatos e acontecimentos do plano de Deus numa outra perspectiva bem diferente de quando não entendemos a ação conjunta das Pessoas Divinas. A criação, a salvação e a santificação, fruto da ação das três pessoas da Trindade não são acontecimentos isolados e realizados a um tempo, mas ação contínua. Deus Pai não criou o mundo com um ato definitivo, ele continua criando o mundo, o Filho continua salvando e o espírito permanece santificando. E nesse processo a história humana tem a permanente presença de Deus, mas conta igualmente com a colaboração da humanidade. Se Ele tirasse o apoio e a sustentação à sua obra, o mundo cairia aniquilado sem a força que o sustenta. Se somos mesmo o que a psicanálise diz que somos, difícil entender como deixamos de ser um bando de bandidos e saqueadores.

No ato inicial da criação o Pai já havia decidido enviar o Filho. A ação da Trindade não é como a humana, que se temporaliza e se esgota na fenomenalidade da existência, a vida humana e suas realizações no plano da cultura possui começo, meio e fim. A ação da Trindade é contínua, feita pela colaboração das Pessoas Divinas, em ato permanente e realizado além do tempo, mas capaz de alcançar o temporal. Nós percebemos como uma ação lenta, o que na verdade está além do tempo e nele repercute. Uma ação de sentido definido que revela a evolução e um plano maior posto em curso por Deus. Em **O Destino do Homem e do Mundo**, Leonardo Boff trata deste plano divino, que aos olhos humanos tem ambiguidades e contradições, mas que revela inegável andamento. Afirma:

Por mais ambíguo que se apresente esse processo, não podemos deixar de observar que a totalidade seguiu uma linha mais ou menos retilínea: da cosmogênese a evolução atingiu o limiar da biogênese; a biogênese desembocou na antropogênese; a antropogênese permitiu, pelo menos na compreensão cristã, a emergência da cristogênese como aquele momento da consciência que se identifica com a Divindade. (BOFF, 1974, p. 18)

A fé cristã, observa ainda o teólogo, enxerga nessa evolução um plano divino que envolve a colaboração das Três Pessoas divinas e ao mesmo tempo identifica sentido nos acontecimentos. Ele diz:

A fé cristã explicita o sentido latente e percebido dentro da vida. Ter fé consiste em dizer um Sim e um Amém à bondade do mundo. (...) O fim do mundo (a meta do mundo) consiste numa indizível interpenetração com Deus. O destino da criação é ser de tal forma penetrada por Deus que Ele constituirá sua essência mais íntima. (id., p. 23)

Ainda que para se referir a ação vagarosa do Espírito Absoluto, e não ao plano salvífico do Deus Cristão, o filósofo alemão Georg Hegel aproveitou-se da forma como a Sagrada Escritura explica a atuação de Deus na história, para qualificar a atuação do Absoluto no tempo. Absoluto entendido como Razão objetivada ou Cultura. Sua referência era o evangelho de João. Afirma o filósofo na **Introdução à História da Filosofia** (1988): "No entanto, no que se refere à lentidão do espírito mundial, pode afirmar-se que esse não tem pressa (mil anos são para ti como um dia que passa): tem tempo suficiente, pois que, sendo eterno, está situado fora do tempo" (p. 110).

Embora assim se entenda, hoje em dia, a atuação de Deus, devido ao desenvolvimento da forma de tratar o problema, o homem, no início da história da salvação, pensou os fatos relativos a intervenção de Deus, conforme sua consciência ainda pouco amadurecida era capaz de fazê-lo.³ O teólogo colocou cada coisa no tempo e fez uma linha temporal para situar os acontecimentos do plano salvífico de Deus. Somente muito estudo e meditação foram capazes de conceber as coisas de outro modo e reconhecer que a forma de atuar de Deus está além do tempo dos mortais. Deus tem uma perspectiva de tempo diferente da nossa e a evolução que vemos na Cultura parece reflexo de algo maior.

Se foi lenta a compreensão da forma como Deus atua na História, foi igualmente gradativa a compreensão da Sua permanente ação criadora, salvadora e santificadora. Ao invés de fatos isolados, ação contínua realizada por um Deus Trino que age ontem, hoje e sempre.

³ Rodolfo Mondolfo, no livro **Problemas e Métodos de Investigação na História da Filosofia**, esclarece que não se pode falar propriamente de desenvolvimento entre as teorias filosóficas. Muitas antigas teorias não parecem menos complexas e verdadeiras que outras mais atuais e posteriores. A questão da verdade filosófica é um assunto muito complexo e difícil de ser tratado aqui. Contudo, ao examinarmos um problema filosófico podemos nos beneficiar do que sobre ele foi dito e nesse sentido admitir algum desenvolvimento. Afirma o filósofo (1969): "Toda investigação teórica que quiser encontrar seu caminho com maior segurança, supõe e exige, como condição prévia, uma investigação histórica referente ao problema, a seu desenvolvimento e às soluções que foram tentadas para resolvê-lo" (p. 31).

O homem, pela reflexão filosófica, irá considerá-lo distante, um Deus transcendente. Transcendente no sentido de que está além de sua experiência imediata, impenetrável e insondável pela razão, contraposto à visão oriental de um Deus que se mescla com o mundo e que dá a impressão de panteísmo, pela mistura com a materialidade do mundo.⁴ A meditação teológica contemporânea soube repropor o sentido da transcendência como decorrência da incapacidade humana de entendê-lo, isto é, mesmo considerando as revelações de Jesus, dado ao inevitável caráter metafórico das suas palavras usadas para tratar de Deus, o objeto da revelação ultrapassa as categorias humanas usadas para pensá-lo e é impossível entender tudo o que se passa entre as Pessoas divinas.

Num esforço aproximativo pode-se dizer que as relações entre as pessoas da Trindade são: amor, interpenetração, proximidade, verdade, luz. Porém, podemos intuir que essas relações são muito mais do que podemos conceber com nossa limitada forma de pensar e comparar.

A investigação teológica atual também tratou da presença de Deus na história. Trata-se de assunto que encontra tratamento bíblico, pois se Deus é distante quando se quer sondá-lo, também se mostra próximo quando se abre a Ele. Em Isaías 41, 13-14, o autor sagrado revela o carinho e a atenção de Deus para com Jacó, apesar da sua pequenez, Jacó não tinha motivos para se angustiar, pois podia estar seguro da presença protetora de Deus.

As duas dimensões da nossa relação com Deus, pela imanência no mundo e pela transcendência dos fenômenos, mostram a tensão presente no convívio com a Trindade. Por um lado, Deus é insondável nas relações íntimas das pessoas divinas, por outro mostra seu plano para o homem e o mundo

⁴ A noção de um Deus que se mistura no mundo também pode ser encontrada na tradição filosófica ocidental. Uma das construções mais bem elaboradas foi obra de Baruch Spinoza que construiu sua metafísica a partir do cartesianismo. Contudo não admite o dualismo de substâncias e denomina atributos ao que Descartes chamava substâncias. Para Spinoza, Substância é causa infinita e se mostra em diversos atributos. Sobre a metafísica spinoziana comenta Michelle Sciacca em sua *História da Filosofia* (1968): "A essência da substância é a mesma e idêntica essência dos atributos. Nós conhecemos somente dois dos seus infinitos atributos: o pensamento e a extensão. Cada um deles se manifesta manifesta numa multiplicidade de aspectos ou modos singulares. Os modos são os entes individuais (cada um de nós, as coisas) e forma os dois mundos da extensão e do pensamento, atributos, repetimos, da única substância infinita, Deus. Assim, Deus e mundo se identificam: *Deus sive natura* (panteísmo). Substância, atributos, modos: eis os termos da metafísica spinosiana (p. 86).

como um Deus único. A experiência transcendente-imanente da Trindade permite que o teólogo se dê conta dessas duas dimensões da relação de Deus com sua criação. O fato obriga a repensar questões teológicas, considerando a tensão entre as duas dimensões, como se diz no texto a seguir:

Acontece que a proclamação da distância e da proximidade (da Trindade) juntas dá agora à Revelação aquela tensão, amplitude e vigor, que provocam no homem a convicção: aqui é Deus que fala! O nosso coração encontra espaço vital nesse mistério impenetrável, que está acima dos caminhos de nosso pensamento. Sente paz e serenidade. Experimenta que é feito para esse Deus (CATECISMO HOLANDES, 1974,p. 565).

3 A TRINDADE E O MAL

A tensão que surge entre as presenças transcendente e imanente de Deus nos coloca diante do difícil problema do mal no mundo. Como entendê-lo? O problema foi muito estudado na Idade Média quando foi retomada a tradição neoplatônica, que o considerava ausência de bem. Plotino o identificava com a matéria e o não ser. Parecia-lhe que matéria não tinha ser. A identificação entre mal e o não ser foi o esquema metafísico prevalente entre os pensadores cristãos da Idade Média. No seu **Dicionário de Filosofia**, Nicola Abbagnano resume os momentos fundamentais desse pensamento medievo como se segue:

(Essa tradição) é retomada por Clemente Alexandrino (*Strom*, IV, 13), por Orígenes, (*De princ.*, 1, 109) e por Santo Agostinho que a difunde no mundo ocidental. Diz Santo Agostinho: "Nenhuma natureza é Mal e este nome não indica nada a não ser a privação do bem" (*De Cive Dei*, XI, 22). Portanto, todas as coisas são boas e o mal não é substância porque se fosse substância seria o bem (*Conf.* VII, 12). Boécio por sua vez afirmava: "o mal é nada, porque o não pode fazer Aquele que pode todas as coisas" (*Phil. cons.*, III, 12). A escolástica é igualmente unânime neste ponto. Santo Anselmo reforçava a doutrina do mal como não ser, nos mesmos termos de Agostinho (*De casu diaboli*, 12-16) (...). Repetem-na na escolástica cristã, seja os agostinianos, como Alexandre de Hales (*S. Th.* I, q. 18,0), seja os aristotélicos como Alberto Magno (*S. Th.* I, q. 27, I) e Santo Tomás de Aquino" (ABBAGNANO, 1982, p. 611).

A teologia contemporânea, trabalha com outra visão, reconhece a dificuldade deixada pela filosofia medieval, porque a Sagrada Escritura não trata o mal como criação de Deus, mas o identifica com o pecado. Contudo, há mal que não vem do pecado, mas nasce do mundo, como é o caso das

catástrofes naturais. A enorme miséria hoje existente é em parte decorrente das condições ambientais e em parte resultado da forma de viver do homem. Difícil entender como teria surgido o mal nas ocasiões em que ele não vem do pecado. Contudo, esse problema somente aparece assim porque construímos, mesmo sem poder, uma ideia de Deus distante do que Ele é. Consideramos que Ele pode fazer qualquer coisa segundo nossa definição de Deus, mas especialmente que Ele pensa conforme nossas categorias e desejos. No entanto, essa forma de tratar Deus não vai alcançá-lo no que Ele é verdadeiramente. No **Catecismo Holandês** se afirma que Deus não é causador do mal, mas o combate. O processo de salvação e santificação da Trindade revelado na Sagrada Escritura não é outra coisa que esse combate do mal e da esperança da vitória final sobre ele. Todo o processo da existência do mundo e a história atende a tal propósito quando olhado com os olhos da fé.

O Novo Testamento e a revelação de Jesus sobre o destino do homem não situam o mal em Deus. Onde o mal aparece Jesus o enfrenta e onde parece estar, como na condenação à fornalha eterna dos que não se seguem o plano de Deus (Mt. 10, 28), o mal parece vir das escolhas do próprio indivíduo e não como punição de Deus.⁵

A Sagrada Escritura foca não no mal, mas no combate que a Trindade lhe dedica. Não que as pessoas divinas pareçam interferir em cada fenômeno natural que incomoda a um ou alguns homens, mas pela ação salvífica de Jesus e como está no Catecismo Holandes (1974, p. 570): "em consequência de sua ressurreição, Deus está consumando este mundo para fazer surgir uma nova criação." E o resultado dessa atuação não é uma mudança para que o mundo deixe de ser o que é, mas as pessoas divinas (1974, 570): "fazem com que se realize mais e melhor sua verdadeira finalidade de salvação e

⁵ No ensaio **O fim de todas as coisas**, o filósofo Emmanuel Kant enxerga nas admoestações de Cristo, como a deste caso, não uma forma de coação, nem como criação do mal pela Trindade, mas de uma afetuosa advertência como a que fazem os pais para evitar que os filhos sigam pelo caminho errado. Eis o texto de Kant (1985): "Embora, portanto, o Mestre também anuncie castigos, não se deve compreender este fato, pelo menos não é adequado à qualidade característica do cristianismo explicá-lo como se esses castigos deveriam ser os estímulos para fazer os mandamentos serem obedecidos, porque, se assim fosse, o cristianismo cessaria imediatamente de ser digno de amor. Mas devemos interpretar isto apenas como uma afetuosa advertência, oriunda da boa vontade do legislador, para que os homens se precavendam do dano que resultaria inexoravelmente da violação das leis" (p. 178).

bondade." Essa presença na realidade é um plano, mas também é resposta à oração feita com fé.

O que se pode concluir dos estudos contemporâneos sobre a Trindade e o mal é que Deus não convive com o mal indiferentemente. O seu plano é maior do que podemos supor. Dessa forma a intervenção num fato na direção que gostaríamos, pode não ser feita simplesmente por não estar de acordo com a totalidade do projeto. E assim é que se pode dizer que (1974, p. 571): "também em sua luta até ao sangue contra o sofrimento e o mal, podemos ouvir Jesus dizer: Quem me vê, vê o Pai (Jo. 14,9)," pois Jesus faz a vontade do Pai.

4 A TRINDADE E O HOMEM

No capítulo inicial da **Introdução à ética teológica**, intitulado **Trindade; quem ama vive voltado para o outro**, Maria Inês de Castro Millen analisa a novidade religiosa representada pelo Deus cristão e a repercussão dessa novidade na ética. E o que é mesmo a Ética? Uma forma razoável considerá-la está em **Ética** (2010, p. 11-12):

A Ética é uma disciplina filosófica, sua criação é atribuída ao grego Aristóteles que a organizou como estudo dos costumes. Neste sentido seu material não é uma criação dos filósofos, embora o sejam as considerações racionais ou a forma de pensar os costumes. Muitos séculos mais tarde da origem histórica da Ética, o filósofo alemão Immanuel Kant torna o que disse Aristóteles mais claro ao propor na *Doutrina da Virtude* (1797) que a Ética não dá a lei para as ações, mas apenas as máximas das ações.

Portanto, inicialmente a Ética como tal não tem relação com questões teológicas. No entanto, as coisas não são exatamente assim. Considerando-se a moral como o conjunto de regras de uma comunidade, sabemos que muitos dos modelos éticos adotados pela comunidade humana têm origem religiosa. Inês Millen inicialmente vincula a imagem de Deus do tipo de moralidade assumida pela sociedade humana num dado tempo, pois a moralidade (2015, p. 22): "está vivamente relacionada a essa imagem". Nesse sentido, parece-lhe necessário superar aspectos da tradição teológica que provocaram uma falsa imagem de Deus, com reflexos negativos na moral cristã e no funcionamento da sociedade num dado tempo, a saber: a noção de um Deus

descomprometido com a história dos homens, a de um Deus que oferece uma moralidade heterônoma, percebida como exigência externa e a de um Deus que vigia para punir. Os descaminhos provocados por essas falsas compreensões de Deus só se corrigem com a (2015, p. 27): "compreensão real do Deus cristão como Trindade" (p. 27). Por sua vez, o entendimento do que é o Deus Trino, só se torna possível com a revelação de Jesus e os livros do **Novo Testamento**. A revelação de Jesus dá sentido à vida comunitária do homem, pois a aproxima da vida da Trindade. E o que é a Trindade? É um Deus em três pessoas, uma comunidade de amor constituído por três Pessoas distintas: o Pai criador que por amor se retrai diante da criação para que ela siga seu curso, o Filho (2015, p. 31): "que se encarna assumindo a frágil condição humana" e o Espírito que fortalece, consola e coloca o homem (2015, p. 33): "em condição de caminhar por si próprio" (p. 33).

O homem criado à imagem desse Deus Trino é um ente voltado para fora e para o outro. O olhar para esse ente de relação é um modelo para o enfrentamento das dificuldades da vida contemporânea.

5 TRINDADE EM RELAÇÃO, MODELO DE COMUNIDADE

A compreensão contemporânea do Deus cristão como comunidade a apresenta como modelo ideal de amor e justiça para os homens que igualmente vivem em sociedade. Ao falarmos de ideal queremos dizer que na forma como se concebe a relação entre as pessoas divinas, ela nunca ocorrerá entre os homens, pois estes também experimentam ódio e indiferença. A comunidade divina fica como referência de como devem ser as relações sociais. Vivendo em maiores ou menores grupos, o homem pode aprender com o relacionamento das pessoas divinas, na medida em que este se dá no respeito às diferenças e na comunhão de um projeto comum. A vida comum do homem se dá em relação, não se vive isoladamente, mas em grupos dentro de outros grupos maiores. Mesmo quando se vive afastado fisicamente da comunidade humana, por algum motivo pouco comum numa estação meteorológica num extremo da terra, de alguma forma a comunidade humana está ali presente, quer pelo que ensinou, quer pelo que forneceu e acolhe de

informação dessa estação. Não importa o que se faça nessas situações alguma relação intersubjetiva ocorre, ocorrerá ou ocorreu.

A filosofia contemporânea reconhece essa realidade humana, a de ser um ente de relação, e exprime a vida humana como coexistência. Autores como Wilhelmus Luijpen em **Introdução à fenomenologia existencial** reconhecem tal condição e explicam que retirar da vida a relação com os demais homens significa negar a própria condição humana:

Nenhum aspecto do ser homem é o que é sem que nele outros homens estejam presentes. O ser-presente de outros em minha existência implica que meu ser homem é um ser por outros. Quem numa espécie de experiência pensada quiser remover de seu ser homem o ser-por-outros, chegará a conclusão de que removeu a realidade de seu próprio ser-homem. Ser-por-outros, portanto, é uma característica essencial do homem (LUIJPEN, 1973, p. 260).⁶

A experiência de unidade, amor, justiça e acolhimento expresso na forma como Jesus se refere ao Pai e ao Espírito Santo, especialmente o modo como manifesta seu amor é modelo para as famílias humanas, onde a figura paterna (sem excluir a materna como sendo uma das faces de Deus) muito ganharia se espelhasse afeto parecido e respeito semelhante. E esse modelo de relação pessoal parece ainda mais importante num tempo em que a família humana passa por mudanças, mas que não pode perder o essencial: o amor, o respeito mútuo e um plano de vida comum. No capítulo 8 do livro **Ética** intitulado **Ética e Sociedade**, comenta-se as transformações pelas quais passa a família contemporânea e os desafios que a ela se apresentam:

A família, (...), mudou bastante, os momentos de convivência em torno da mesa, o convívio dos finais de semana reduziu-se substancialmente, o pai e até a mãe tentam conciliar a convivência familiar com a realização profissional, a mulher entrega-se à preocupação exagerada com a beleza física e o homem busca ganhar mais dinheiro para atender às novas exigências do consumo. Tudo isso traz mudanças que precisamos compreender e avaliar. Há conseqüências que não desejaríamos como a ausência por longos

⁶ A discussão sobre a intersubjetividade e seu peso na formação do modo de ser do homem é um capítulo extenso da fenomenologia existencial, implica a discussão e significado da corporalidade (as relações humanas passam pela corporalidade, realidade que não atinge todas as Pessoas divinas), inclui o sentido da presença do outro como sendo algo diverso de coisa, pessoa não é coisa, mas fonte de significado e liberdade. Daí a experiência da interação humana que se mostra como amor e justiça, e/ou como ódio e indiferença. Pode-se dizer que a Trindade divina inspira as relações humanas na dimensão do ideal (ter que ser) que se expressa nas experiências de amor e justiça e aponta para o que ela não deve ser: ódio e indiferença.

períodos dos pais e da falta de afeto nas famílias, o endividamento para manter o consumo crescente. Filhos imaturos prolongam a permanência na casa paterna até idades bem adiantadas se comparadas ao momento em que as gerações anteriores começaram a vida independente. Se se considera a competição das mulheres com outras mais jovens enxerga-se a desesperada e infeliz tentativa de se parecer mais jovem do que se é. É claro que também há exageros no comportamento de vovôs cinquentões com ares de adolescente irresponsável competindo com os netos nos sites de relacionamentos, embora este fenômeno apareça socialmente menos importante que a preocupação das mulheres com a sua aparência. (...) Tudo isso aponta para um mundo de relacionamentos familiares horizontais, com autoridade reduzida, onde os pais querem ser como os filhos e não o contrário (CARVALHO, 2010, p. 167/168).

E embora vivendo tantas e tão profundas mudanças, encaminhando-se para direções que podem levar ao sofrimento e a miséria existencial, tem-se a oportunidade de apontar no mesmo capítulo de **Ética**, um rumo para as relações humanas que não terminem na lama existencial. O caminho do respeito mútuo, do amor e da alegria na convivência.

O encontro e a meditação sobre a Trindade nos colocariam diante desses mesmos sentimentos de Jesus na convivência com as pessoas divinas (Jo., 15, 11). A boa convivência é relação restauradora inspira (2015, p. 6): "a alegria que se vive no meio das pequenas coisas cotidianas" (p. 6), de que fala o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*. Eis onde a meditação sobre a Trindade seria especialmente importante, na inspiração do amor, da justiça e da alegria da vida familiar, capaz de servir de alento nas situações limites da vida, pelas quais Jesus passou com serenidade e confiança.⁷ A confiança de Jesus e sua entrega de amor ao Pai mostra que no amor está o fundamento para aquilo que aos olhos humanos parece fracasso e derrota. Em **Ética** defende-se certos aspectos da vida funcionam como alento para as situações limites da existência:

Fingimos desconhecer que nossa melhor alternativa é envelhecer com dignidade, que o amor é o companheiro para todos os dias, que construir um sentido para o viver exige meditação e ensimesmamento

⁷ Karl Jaspers nomeia situações-limites as experiências da morte, acaso, culpa e insegurança. São realidades das quais não há como escapar. Em algum momento da vida nos deparamos com tais realidades, que acenam para o fracasso ou finitude da vida terrena. O filósofo diz que o homem pode aceitar essa condição e conviver com ela ou não. Pode-se dizer que Jesus a viveu na aceitação mais completa e na confiança mais absoluta de que esse era o plano do Pai.

e que o trabalho, a saúde, a distração e o prazer estão a serviço de um projeto de vida que não se fecha em poucos aspectos. Cada homem é um mundo e precisa de coisas em medidas diferentes, mas temos limites reais a respeitar. Esses elementos ainda estão aí (...) mesmo no confronto com as situações limites que nos cercam, o sofrimento, a morte, as limitações (CARVALHO, 2010, p. 169).

Ao tratar da maravilhosa realidade do amor não a apresentamos apenas como modelo para as famílias de sangue, mas como paradigma ético para as relações humanas em geral que, ancoradas na meditação filosófica sobre os costumes e a vida prática, têm no amor interpessoal sua inspiração mais importante. Algo semelhante sugeriu Leonel Ribeiro dos Santos no capítulo que escreveu sobre Kant em **Ética cristã e Filosofia Clínica**. Ele apreendeu a proximidade entre os ensinamentos e a vida de Jesus de Nazaré com o modelo ético kantiano. Eis o que diz:

O que agora gostaria de mostrar é que, quando Kant confronta o cristianismo - a moral ou ética cristã - com outros sistemas de ética da antiguidade, a doutrina moral dos evangelhos leva sempre vantagem, como sendo aquela com a qual a moral da razão prática do filósofo mais reconhece ter afinidade, por mais que se possam reconhecer também traços de estoicismo e até de epicurismo na ética kantiana. Para Kant, o cristianismo tem essencialmente um significado enquanto doutrina moral e os ensinamentos de Cristo fazem dele o mais qualificado mestre da pura lei moral (SANTOS, 2015, p. 159).⁸

Das relações entre as pessoas da Trindade apreendemos que não só sustentam o Universo, mas que entre as muitas coisas que amparam, o homem ocupa lugar especial, pois ele é mais que os pardais e outros entes (Lc. 12,6). São lindas as constelações, belos os sóis mais novos ou velhos rodeados por seus planetas, deslumbrante a aurora boreal porque os olhos humanos são capazes de os contemplar. Apenas os homens se encantam com essa dupla realidade, o esplendor do universo material e o da alma livre, dupla possibilidade da experiência humana sobre a qual comentou Kant na conclusão da sua **Critique de la raison pratique**:

⁸ É pelo amor a Deus e aos homens que Jesus de Nazaré foi reconhecido por Karl Jaspers, nesse mesmo sentido que reconheceu Kant, como um dos mestres da humanidade, porque Ele aponta para o melhor modo de se viver em comunidade. Diz Jaspers sobre o que Jesus vive e ensina (2003): "A vontade de Deus é a vida do Reino de Deus - viver como se o Reino de Deus já tivesse chegado - viver de modo que esta vida neste mundo seja um sinal do Reino de Deus e, ela própria, já sinal da sua realidade adventícia (...) Quem ama Deus, ama o próximo. Por isso é que a vida no mundo se realiza pela vida no amor, que é um sinal do Reino de Deus (p.116).

Duas coisas que me enchem a alma de crescente admiração e respeito, sempre novos e sempre crescentes, na medida da frequência e da perseverança com a qual a reflexão a elas se apegam: o céu estrelado ante mim e a lei moral dentro de mim. Estas duas coisas, não tenho que procurar, como se estivessem envoltas em trevas ou situadas numa região transcendente, além do meu horizonte, e não tenho que conjecturá-las; eu as vejo diante de mim e as conecto imediatamente com a consciência de minha existência (KANT, 1985, p. 801/802).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações sobre a Trindade propostas neste trabalho falam não de um Deus distante e solitário, como geralmente ensinavam os filósofos gregos desde Xenófanos, ou como é apresentado Deus pelo Islão, mas de uma comunidade de amor. Como tal ela pode ser apresentada como modelo para as sociedades humanas, mesmo que essas nunca consigam viver em plenitude o amor, a justiça e a proximidade de objetivos que ali existe.

Deus Trino, comunidade de pessoas, é uma família de amor, onde cada Pessoa conserva a sua identidade e sua missão no plano salvífico. Também significa que as três Pessoas divinas estão em perfeito interlacionamento. O Pai é o criador e o articulador do plano de salvação, o Filho é quem o leva adiante, já que o Pai mesmo não se encarna. O Espírito é a presença de Deus na vida dos homens, enviado por Cristo e pelo Pai. Cada um tem seu papel no plano comum que assumem perfeitamente em conjunto. É o que se encontra no **Novo Livro da Fé** (1976, p. 158): "Na obra de salvação não é o mesmo o papel do Pai, do Filho e do Espírito Santo, nem pode inverter-se a ordem à vontade." Esse modelo de comunidade mostra que podemos viver em comunidade sem que cada um deixe de ser o que é, de viver os dons que possui. A identidade pessoal não significa isolamento, mas singularidade, o que é referência para as comunidades humanas onde cada homem é singular sem deixar de ser parte do todo. Em **Subjetividade e corporalidade na Filosofia e na Psicologia** tivemos oportunidade de dizer que a pergunta pela singularidade pessoal (2014, p. 168): "possui duplo alcance, ela pode atingir a subjetividade em geral, uma subjetividade comum a todos os homens, ou pode

se restringir ao eu singularíssimo e empírico, vivido pelo homem como sujeito único" (p. 168).⁹

Esse aspecto tem muitas implicações, pois especialmente quando consideramos que somos singulares em nossa humanidade comum, precisamos aprender a tirar proveito do que cada um pode fazer pela sociedade de todos. Por outro lado, devemos entender que nossa singularidade e individualidade não eliminam os aspectos comuns com os outros homens, além de estarmos desafiados a conviver de forma pacífica.

A comunidade de amor é a face do Deus cristão mais visível aos homens e nela o amor se explicita como ideal de vida. Assim, a noção contemporânea de que existência humana é relação está de acordo com a compreensão atual sobre Trindade desenvolvida pela Teologia.

TRINITY AND SOCIETY: CONTRIBUTIONS OF THEOLOGY FOR ETHICS

ABSTRACT

This article surveys the implications of considering God as a community of people. It shows how the conceptions of God changed in the history on grounds of historicity of the human awareness. This fact has made the divine revelation a slow process suitable to the human capacity to understand something. It also introduces the relation between the divine people as a bigger expression of the ethics relations, so that the human reason points in the Ethics to the same direction of the studies of the theology about the divine Trinity: the respect and the love between different people as a superior model of familiarity and harmony between the different.

Keywords: Society. God. Person. Love. Ethics.

⁹ No livro **O fenômeno totalitário**, Roque Spencer Maciel de Barros elabora as bases de uma antropologia que fala de uma liberdade situada e inserida numa sociedade não totalitária, porque o homem somente vive sua singularidade existencial no mundo e em sociedade sem deixar de ter identidade porque "só atinge o seu estatuto espiritual à medida que se reconhece distinto do mundo" (p. 17). Contudo, ele não consegue viver sua liberdade senão numa comunidade de destino e inserido no mundo. Trata-se de uma outra forma de dizer que o homem tem identidade sem deixar de ser parte de algo maior, uma forma de tratar a existência humana que esquematicamente lembra o mistério da Trindade onde as Pessoas conservam sua identidade mas se interpenetram num projeto comum.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed., São Paulo, Mestre Jou, 1982.
- BISPOS DA HOLANDA. **Catecismo Holandês**. São Paulo, Loyola, 1974.
- BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**. 3. ed., Petrópolis: Vozes, 1974.
- CARDOSO, Delmar. Religião e Filosofia. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 2/10/2015, Caderno Pensar, p. 3.
- CARVALHO, José Mauricio de. **O Homem e a Filosofia, pequenas meditações sobre a existência e a cultura**. 2. ed., Porto Alegre, EDIPUCRS, 2007.
- _____. **Ética**. São João del-Rei, UFSJ, 2010.
- _____. **História da Filosofia contemporânea**. São João del-Rei, UFSJ, 2014.
- FEINER, Johannes e VISCHER, Lukas. **O novo livro da fé; a fé cristã comum**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. 7. ed., São Paulo, Paulinas, 2015.
- GADAMER, Hans Georg. **O problema da consciência histórica**. Vila Nova de Gaia, Estratégias criativas, 1998.
- GOMES, Paulo Roberto. **Trindade**. Juiz de Fora, Apostila do Curso, 2015.
- GUERREIRO, Mario Antônio de Lacerda. **Deus existe?** Uma investigação filosófica. Londrina: CEFIL/UDEL, 2000.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Introdução à História da Filosofia**. 4. ed., São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- JASPERS, Karl. **Iniciação Filosófica**. Lisboa, Guimarães, 1987.
- _____. **Mestres da Humanidade**. Coimbra, Almedina, 2003.
- KANT, Emmanuel. O fim de todas as coisas. In: **Textos Seletos**. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1985.
- _____. Critique de la raison pratique. **Oeuvres Philosophiques**. v. II, Paris, Gallimard, 1985.

LUIJPEN, Wilhelmus Antonius Maria. **Introdução à fenomenologia existencial**. São Paulo, EPU, 1973.

MONDOLFO, Rodolfo. **Problemas e Métodos de Investigação na História da Filosofia**. São Paulo, Mestre Jou, 1969;

_____. **Crítica da Razão Pura**. 3. ed., São Paulo, Nova Cultural, 1987.

ORTEGA Y GASSET, José. **Comentário ao banquete de Platon**. Obras Completas. 2ª reimp, v. IX, Madrid, Alianza, 1997.

SCIACCA, Michelle Federico. **História da Filosofia**. 3. ed., v. II. São Paulo, Mestre Jou, 1968.

TRASFERETTI, José Antônio; MILLEN, Maria Inês de Castro e ZACHARIAS, Ronaldo. **Introdução à ética teológica**. São Paulo, Paulus, 2015.